

A resistência dos Potiguara

Pouco sabemos da resistência indígena, pois a história oficial é a história dos vencedores. Apenas a Confederação dos Tamoios, no século XVI, e as rebeliões de Ajuricaba e Sepé Tiaraju conseguiram furar esse cerco ideológico, que bloqueia as informações sobre o lado sanguinário da Conquista. O que aconteceu na realidade? Os índios teriam aceitado passivamente a ocupação portuguesa?

A epopéia dos Potiguara mostra uma das resistências ao colonizador mais organizadas no País. Durou cem anos, com 25 anos de guerra ininterrupta (1574-1599). A resistência foi quebrada somente quando os holandeses, seus últimos aliados, deixaram o Brasil em 1654.

Senhores do litoral nordestino, os Potiguara, do grupo Tupinambá, ocupavam a costa, desde a atual Paraíba até São Luís do Maranhão. Segundo F. Moonen, na época da Conquista somavam mais de 100.000 indivíduos. Inimigos tradicionais dos Tupinikin, que habitavam o litoral nordestino, e dos Tabajara, que viviam no sertão, os conhecidos guerreiros Potiguara mantinham freqüentes disputas nessa região. A chegada dos europeus alterou o quadro histórico. Os Potiguara passam a disputar as terras com os mair, isto é, os franceses, e os però, os portugueses. A aliança foi a única saída para enfrentar os poderosos inimigos. Uniram-se temporariamente aos Tabajara e sobretudo aos mair, que lhes forneciam armas de ferro e fogo.

A GUERRA

Através das alianças, os Potiguara puderam manter-se donos de suas terras, impedindo o avanço português, que se consolidava em Salvador e Olinda. O rapto, por um mameluco de Pernambuco, da filha de Iniguaçu e o desrespeito que esse chefe potiguara sofreu provocaram uma grande revolta e a cidade por Tijuco-papo. Saldo: destruição do engenho de Taracunhaen e arredores. A reação portuguesa não tardou.

Era 1574. Nesse mesmo ano, Dom Luís de Brito, governador de triste memória — o mesmo que iniciou a sangrenta ocupação de Sergipe — determina o contra-ataque. Os Potiguara recuam estrategicamente e voltam mais tarde a novas escaramuças. Frente à resistência indígena, os portugueses se afastam, tentando, sem sucesso, algumas investidas. Somente em 1583,

com reforços vindos de Portugal, os moradores de Olinda formam um verdadeiro exército. Ocupam a área e fundam Filipéia, numa pretensa homenagem ao rei Felipe II, da Espanha.

Uma disputa interna na chefia da nova cidade anima os Potiguara a um novo ataque. Cansados das violências dos però, os Tabajara do sertão fazem uma aliança com seus vizinhos do litoral, deixando os portugueses do Forte de Filipéia praticamente cercados e premidos pela fome.

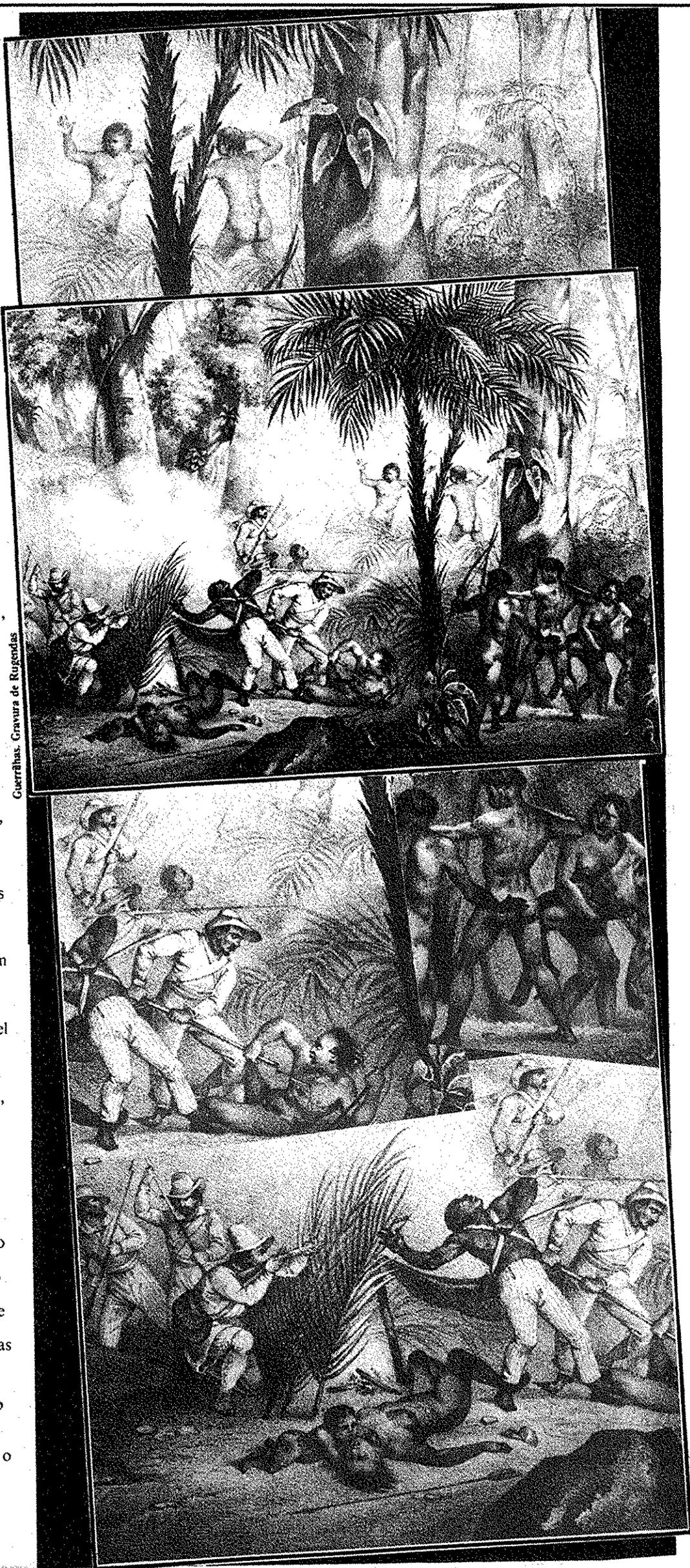
REAÇÃO DOS PORTUGUESES

Alarmados com a situação de seus patrícios, os moradores de Olinda organizam novo exército, com mais de 500 brancos e inúmeros indígenas. São comandados por Martin Leitão. O desastre foi grande, não só para os franceses, que tiveram navios e pau-brasil queimados, mas também para os Potiguara, que viram aldeias arrasadas e plantações destruídas. Foram atingidos, mas não derrotados. Quando o ouvidor-geral volta para Olinda, a guerra recomeça, durando mais dez anos.

A aliança com os Tabajara não durou muito, pois esses acreditavam mais nas promessas enganosas dos però do que na solidariedade com os irmãos de raça. Os portugueses perceberam que não derrotariam os Potiguara sem ocupar o Rio Grande do Norte, onde os mair tinham um entreposto. Em 1598, sob o comando de Manoel de Mascarenhas Homem, preparam uma grande expedição. Atacam por terra e por mar, iniciando nova guerra, que iria ser interrompida por uma violenta epidemia de varíola, que muitas vítimas deixou de ambos os lados.

Os portugueses se refazem mais rapidamente. Retomam o ataque, conquistando a ponta do continente. Outro mameluco surge em cena, mas dessa vez para propor a paz. É Jerônimo de Albuquerque. Ele usa para isso o pajé da Ilha Grande, que vai a seu povo, faz comovente discurso e conquista o apoio das mulheres, já cansadas de tanto sofrimento, doença e fome.

Solenemente, dia 11 de julho de 1599, na vila da Paraíba, diante do governador e de outras autoridades, é assinado o tratado de paz. Mas a paz só vem para os lusitados, que continuaram massacrando aquele grupo tão guerreiro, reduzido hoje a apenas 4.500 pessoas. (Benedito Prêzia)



Guerras. Gravura de Rugendas